
ARTIGO ESPECIAL

JOHANN NATTERER (1787 - 1843): naturalista-maior do Brasil

Fernando Costa Straube

"O mais zeloso e o mais fecundo colecionador zoológico que pisou a América do Sul. Não o julguem pelo número de livros por ele publicados, pois são poucos - também não o julguem pela pequena ou nenhuma importância, que acaso lhe diga qualquer dicionário ou enciclopédia daqueles que vos caíam primeiro às mãos na biblioteca que mais próxima for, pois os respectivos autores, por via de regra, o desconhecerão. Explica-se toda nitidez aqueles que pisam as mesmas sendas, que o naturalista cujo nome encima estas linhas, aos cultivadores do mesmo campo, aos caracteres que alguma afinidade possuem para as predileções científicas e para o rumo específico da ocupação intelectual - e estes são poucos. Dá-se com Natterer o mesmo que com o arquiteto que morre, deixando de um grande e complicado edifício apenas prontos os alicerces: quantos terão os conhecimentos profissionais e o poder mental para adivinhar o plano geral do seu todo e nos seus pormenores?"

E.A. Goeldi 1896

Situação histórica

Durante a segunda metade do Século XVIII, a Zoologia fez rápidos progressos, graças à aceleração do conhecimento de faunas e ao aperfeiçoamento dos métodos em sistemática, fato extensivo a todos os grupos animais (Vanzolini 1996).

Não é exagerado usar como exemplo que, a obra máxima da classificação dos seres vivos, de autoria do sueco Carolus Linnaeus, haja surgido exatamente nessa época de transição entre uma Zoologia filosófica e outra, mais racional. "Assim, o *Systema Naturae*, como toda obra seminal, criou as condições para sua própria ultrapassagem, e isso especialmente por intensa atividade faunística, conjugada com a acelerada exploração geográfica, envolvendo muitas viagens de circum-navegação no fim do Século XVIII e começo do Século XIX" (Vanzolini 1996).

Na realidade, desde mesmo os tempos do cosmógrafo Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, época que pode ser chamada de Renascimento, havia um consenso geral sobre a necessidade de "europeizar" a América e o mundo (Theodoro 1996). Ao fim dessa filosofia começam a surgir novos objetivos para as vindas de estrangeiros, resultado de uma pressão da população e dirigentes políticos brasileiros contra o expansionismo das grandes potências. Esse novo sentido diplomático viria, então, delinear os propósitos locais e oriundos do exterior, quanto às explorações científicas em território brasileiro.

Já no fim do Século XVIII a Europa sofreu uma série de transformações sociais, econômicas e políticas, impostas de um lado pela Inglaterra, buscando a hegemonia e o controle econômico

mundial e, de outro, pela França, com sua política de expansionismo territorial.

O ano de 1816 foi denominado "data histórica" para a Ornitologia brasileira (Pinto 1979), evidente alusão às consequências, ao desenvolvimento científico da Zoologia, da abertura dos portos às nações amigas, determinada por D.João VI de Portugal.

Episódios políticos importantes tiveram vez nesse período, dentre eles o fim do monopólio português sobre o comércio brasileiro e, particularmente, a mudança da corte real portuguesa, em consequência da invasão desse país pelos exércitos napoleônicos (Goeldi 1896, Ihering 1902, Vanzolini 1996).

Até esse período, o Brasil era simplesmente fechado aos estrangeiros; viajar, particularmente para forasteiros, dentro dos domínios portugueses do Novo Mundo, foi virtualmente proibido pelas autoridades do Século XVIII (Manthorne 1996). Como consequência da abertura dos portos, determinada em janeiro de 1808 (mas ratificada pelo Tratado Comercial de 1810), bem como da queda de Napoleão e de diversos acordos de paz, tornou-se possível a várias nações (França, Império Austro-Húngaro, Rússia e Inglaterra), realizarem explorações de cunho, a princípio científico, no território brasileiro.

Tal manobra política causou um grande afluxo de naturalistas viajantes a toda a América do Sul, especialmente ao Brasil (Pinto 1945, 1979, Guix 1995, Sick 1997). Os objetivos principais, nesse intervalo cronológico, eram a busca por informações científicas, e preferencialmente espécimes, colhidas com grandes dificuldades por expedições minuciosamente preparadas. Tais viagens apresentavam características muito marcantes, em grande parte ligadas às novas e desconhecidas condições que

as terras ignotas da América proporcionavam.

Em 1817, aproveitando-se desse contexto, chegaram ao Brasil, três importantes grupos de naturalistas viajantes que iriam mudar definitivamente a História da Biologia no Brasil. Esses grupos, selecionados pelo diretor do Museu de Viena, E.Schreiber, engajaram-se à esquadra monárquica da arquiduquesa austríaca Leopoldina, vinda para o Brasil para casar-se com D.Pedro (depois D.Pedro I do Brasil) (Goeldi 1896, Ramirez 1968, Vanzolini 1996).

O primeiro deles consagrou dois naturalistas alemães: Johann Baptist von Spix e de Karl Friedrich Phillip von Martius, este mais voltado à Botânica e à Antropologia e aquele à Zoologia (para maiores detalhes dessas expedições *vide* Spix 1824, 1825, Spix e Martius 1823-1831, Sick 1983, Vanzolini 1981, 1996); o segundo grupo era formado apenas pelo botânico italiano Giuseppe Raddi (Goeldi 1896, Vanzolini 1996).

O terceiro, e mais numeroso grupo da citada esquadra, era a equipe liderada pelo naturalista tcheco Johann Christian Mikan, acompanhado do jardineiro Heinrich Scott, dos pintores Thomas Ender, Franz Joseph Frübeck e Johann Buchberger, do bibliotecário e curador de coleções Rochus Schüch e, por fim, dos coletores Johann Natterer e seu ajudante Dominick Sochor (Goeldi 1896, Ihering 1902, Ramirez 1968, Vanzolini 1996).

A participação mais importante desse grupo deve, sem sombra de dúvida, ser remetida a Natterer que, por quase 18 anos (1817-1835), dedicou-se à coleta e preparação de material biológico e etnográfico em enorme extensão do território brasileiro (incluindo vastas áreas da Amazônia e regiões centro-oeste, sudeste e sul do País) (Vanzolini 1993).

Johann Natterer no Brasil (1817-1835)

Ao desembarcar da fragata Augusta, no Rio de Janeiro, em 5 de novembro de 1817, Natterer contava com 29 anos e uma grande experiência como caçador, preparador, desenhista e linguista. Havia, a expedição, sofrido um considerável atraso em decorrência de desacertos quanto aos participantes, suas atribuições em solo brasileiro e a quem caberia o comando da mesma; isso chegou a causar um atrito entre Johann C. Mikan e Natterer, que tinham planos diferentes quanto aos objetivos do trabalho (Ramirez 1968).

Natterer, desde o início resolveu por trabalhar sozinho, quando muito acompanhado por Sochor, fazendo-o separar-se dos demais naturalistas que tomaram caminhos e planos diversos.

Rumando em direção ao sul, percorreu o litoral fluminense, passando dali ao leste de São Paulo pelo vale do Rio Paraíba até a usina de ferro em "Ypanema", próxima de Sorocaba. Seguindo viagem entrou no Paraná até Paranaguá, de onde partiu de volta ao Rio de Janeiro (Vanzolini 1993, Straube 1993). A partir dali tomou direção ao litoral norte paulista, chegando em Santos e depois retornando a Ipanema, seu novo ponto de partida, agora em direção ao Brasil Central (Cuiabá). Pelo norte-nordeste de São Paulo atravessou os rios Grande e Paraíba, no Triângulo Mineiro, e atingiu Goiás, depois Mato Grosso. Chegando ao alto Guaporé margeou a fronteira com a Bolívia, passando por Rondônia, depois descendo o Rio Madeira até o Amazonas. Então optou por subir o Rio Negro a partir de sua foz, o que lhe permitiu atingir o extremo noroeste brasileiro e, depois, o estado de Roraima, pelo Rio Branco.

Pretendia, em seguida, atravessar os estados mais setentrionais do litoral nordeste do Brasil: Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, mas seu desejo foi abortado pelo temor imposto pelos revoltosos da Cabanagem. Depois de ver parte de seu

material pilhado, depredado e remexido, forçou-se a retornar à Europa, partindo de Belém em 15 de setembro de 1835, em um navio inglês (Schrockinger *in* Vanzolini 1993).

Uma excelente revisão das localidades visitadas por Natterer, incluindo-se mapas simplificados, foi publicada por Vanzolini (1993), que dividiu a expedição em dez viagens, desde sua saída do Rio de Janeiro em 5 de novembro de 1817 até a viagem de retorno à Europa, da costa do Pará, em 15 de setembro de 1835. Esse estudo completa substancialmente diversos outros trabalhos que desenharam o itinerário da expedição (Goeldi 1896, Ihering 1902, Papavero 1971, Hershkovitz 1987), ou localizaram superficialmente os topônimos (*vide* Paynter-Jr e Traylor-Jr. 1991 *contra* Vanzolini 1992). O trajeto realizado no Paraná, entre 1820 e 1821, foi estudado por Straube (1993).

São muitos os aspectos que devem ser destacados dessa longa peregrinação. Um deles diz respeito ao incomparável potencial de trabalho de campo de Natterer, bem como sua disposição em cumprir os objetivos de coleta, preparação e ilustração de tudo o que podia, em todos os locais por onde passava.

Enviava para Viena várias remessas de exemplares obtidos, tal como costumeiramente se fazia em tais expedições e que visava a salvaguarda parcelada do acervo coligido. Isso, por exemplo, evitou inúmeras perdas - que foram muitas - dos espécimes, devido a saques, ataques por ratos, fungos e mesmo deterioração decorrente do ambiente úmido dos trópicos (Ramirez 1968).

Sobre as dificuldades de transporte, entraves políticos e logísticos e exposição a doenças - o próprio Natterer esteve muito próximo da morte - não é exagerado afirmar que o naturalista empreendeu o possível e o imaginável para vê-la concluída com o máximo de êxito. Isso é claramente notado

pelo fato de, já em maio de 1821, os únicos integrantes do grupo serem Natterer e Sochor, este totalmente debilitado por um ataque agudo de febre que o mataria sete meses depois, em Vila Bela no Mato

Grosso (Ramirez 1968).

Sobre a penosa viagem de Ipanema a Cuiabá, Ramirez (1968) relata as enormes dificuldades e o incomparável espírito de trabalho de Natterer (outubro de 1822):

"Natterer então desapareceu dentro da infinita e insondável selvageria do país quase despovoado. As notícias a seu respeito foram-se tornando cada vez mais fracas. Os despachos alcançavam-no tardiamente, ou não o alcançavam. A doença do clima mortal dominou-o. Chegou mesmo a perder o seu único companheiro e parecia que a floresta ia encerrá-lo para sempre. Mas ele fazia coleções, caçava, preparava peças, empacotava-as; apesar de ter estado muitas vezes doente e quase morto, nem um só momento pensou em desistir. É difícil imaginar-se hoje em dia o que tal expedição enfrentou naquele tempo, e quanto de energia e sacrifício exigiu dos exploradores. Natterer só apareceu de novo, em Goiás, em agosto de 1823." (Ramirez 1968)

Frente a tamanho esforço, o legado documental da expedição deve assumir uma posição máxima, dentre àqueles obtidos por todos os naturalistas que estiveram no Brasil, em todos os tempos.

Para a Ornitologia, trouxe informações biológicas até então ignoradas ou desconhecidas da ciência. As peles obtidas receberam especial valor também pelas anotações de campo sobre cada espécime, nas quais relatava cuidadosamente dados importantes como características morfológicas, anatômicas e até comportamentais (Goeldi 1896, Ihering 1902). A maior parte de seus manuscritos, contudo, foi perdida em um incêndio ocorrido no Museu de Viena em 1849 (Pinto 1979, Sick 1997), resultando na perda irreparável de um dos maiores e mais importantes bancos de dados sobre aves do neotrópico. Consta, contudo, que toda a coleção de aves obtida no Brasil (ou maior parte dela) encontra-se ainda intacta, sob a guarda do *Naturhistorischen Museum* de Viena, Áustria.

Natterer pertenceu a uma época incandescente sob o ponto de vista da História Natural do Brasil. Embora sua expedição tenha se sobressaído sobre todas as suas contemporâneas quanto ao período despendido em campo e ao trabalho zeloso para a preparação dos exemplares, o tempo foi crucial na prioridade da descrição dos novos táxons.

Seus espécimes foram estudados por Auguste von Pelzeln, muitos anos depois de seu retorno à Europa e, por esse motivo, perdeu grande parte da prioridade que merecia. Pelzeln tentou, em seus artigos, remeter a autoria das descrições ao próprio Natterer ("Natterer MS"), mas esse procedimento não foi validado, por questões nomenclaturais óbvias.

A obra de Pelzeln, publicada em partes (1868-1870) ou compilada (1871), é considerada fundamental à Ornitologia brasileira. Ela consiste do mais importante alicerce para todos os estudos sobre a composição da avifauna do País que foram posteriormente publicados.

Outros naturalistas contemporâneos

A expedição Natterer foi mais ou menos contemporânea de outras bastante conhecidas. Voltadas, ao menos em parte, para a Ornitologia, destacaram-se, sem contar Spix e Martius (*vide* acima), a prolífica viagem

de Maximilian A. Phillip, príncipe de Wied-Neuwied, por vezes em companhia de George Wilhelm Freyreiss e Friedrich Sellow, e a de Émile D'Eville (junto a Francis de la Porte, conde de Castelnau), estudada por De

Murs (Wied-Neuwied 1820a, 1820b, 1821, 1830-1833, Bokermann 1957, Papavero 1971, Pinto 1979, Vanzolini 1996).

Nesse período, sobressaíram-se também, para a Zoologia brasileira, as participações mais célebres do que produtivas do botânico francês Augustin Provençal de Saint-Hilaire (Saint-Hilaire 1822, 1871), do inglês William Swainson (1816 a 1818) e do alemão George Heinrich von Langsdorff (Bertels *et al.* 1988).

Essa última, aliás, teve menos fama pelos espécimes obtidos por alguns integrantes, especialmente Edouard Ménétrières (embora nos exemplares faltassem indicações precisas sobre lugares e datas em que foram obtidos, segundo Pinto 1979), e sim pela divulgação que a ela se fez, com méritos ao famoso trabalho pictórico de Taunay, Florence e Rugendas.

Natterer e sua contribuição aos vários campos do conhecimento

Não foi apenas à Ornitologia que o naturalista austríaco contribuiu de forma decisiva e pioneira. Resenhas históricas sobre outras áreas do conhecimento, especialmente dos vários campos da Zoologia, têm-no sempre lembrado, como prova de seus interesses multifacetários e incomparável produtividade nos trabalhos de campo.

Segundo Rego (1982), "Natterer não se limitou a colher e preparar os vertebrados, mas também examinava o interior dos organismos e suas vísceras, colhendo os seus parasitas. Essa enorme quantidade de material (quase 2000 frascos de helmintos) serviu para os estudos dos renomados helmintologistas Rudolphi, Diesing, Molin, Fuhrmann, Heymons e muitos outros". Mais adiante, conclui: "...tudo que se conhece de helmintologia no Brasil até o Século XX é devido praticamente ao material coletado por Natterer" (Rego 1982).

O interesse de Natterer pela Parasitologia teria, muitos anos antes de chegar ao Brasil (1811), sido expresso por um artigo publicado, em colaboração com Schreiber e Bremser,

denominado: "Notícia de uma coleção considerável de helmintos" (Nomura 1997).

Os mamíferos, somando 781 exemplares (representando quase metade das espécies conhecidas para o Brasil), foram estudados por seu amigo Johann Andreas Wagner (1842, 1843, 1847-1848) e, posteriormente, por Auguste von Pelzeln (1883). Sobre o acervo de mamíferos, diz Hershkovitz (1987): "...his collection represented more species and included types of more than had been collected in Brazil by anyone else in the century, or possibly at any time".

Dos peixes, Jacob Heckel (1840) publicou um artigo sobre as espécies de água doce, analisando brevemente parte do material da expedição e incluindo descrições de 49 espécies tidas como novas, especialmente da família Cichlidae (Vanzolini 1996). Os demais peixes, répteis e anfíbios, foram parceladamente estudados por diversos autores, especialmente Kner (peixes) e Steindachner (Vanzolini 1996).

É Papavero (1971) o mais preciso ao narrar o legado documental colhido pelo naturalista:

"Natterer's collection, gathered during 18 years of strenuous efforts in Brazil, were deposited in the Museum of Vienna, and comprised: 430 samples of minerals; 1729 vials of helminths; 1024 specimens of molluscs; 409 specimens of crustaceans; 32825 specimens of insects; 1671 specimens of fishes; 1678 specimens of reptiles and amphibians; 12293 specimens of birds (representing 1200 species!); 125 different types of eggs; 192 skulls; 42 anatomical preparations; 242 samples of seeds; 147 samples of woods; 216 coins; 1492 ethnographical objects (ornaments, implements, weapons, etc. and 60 glossaries of the different tribes he visited during his journeys). A

simple calculation shows that he must have prepared, as average, 2 bird skins a day, for every day during his 18 years in Brazil, not counting Sundays and holidays, days employed in travelling, etc."

Tabela 1. Alguns epônimos em homenagem a Johann Natterer. Legenda: *, táxons extra-neotropicais. (Fontes: Boulenger 1896, Pinto 1938, 1944, Cabrera 1960, Peters e Donoso-Barros 1970, Peters e Orejas-Miranda 1970, Traylor-Jr. ed.1979, Wilson e Reeder eds. 1993; Nomura 1997).

Grupo taxonômico	Táxon	Status atual	
Aves	<i>Caprimulgus nattereri</i> Temminck, 1823	<i>Lurocalis semitorquatus nattereri</i>	
	<i>Picus nattereri</i> Malherbe, 1848	<i>Colaptes melanochloros nattereri</i>	
	<i>Pipile nattereri</i> Reichenbach, 1862	<i>Pipile pipile nattereri</i>	
	<i>Psittacus (Chrysotis) nattereri</i> Finsch, 1864	<i>Amazona ochrocephala nattereri</i>	
	<i>Asturina nattereri</i> Sclater e Salvin, 1869	<i>Buteo magnirostris nattereri</i>	
	<i>Attila nattereri</i> Hellmayr, 1902	<i>Attila bolivianus nattereri</i>	
	<i>Nonnulla ruficapilla nattereri</i> Hellmayr, 1921	o mesmo	
	<i>Anthus nattereri</i> Sclater, 1878	o mesmo	
	<i>Pipra nattereri</i> Sclater, 1865	o mesmo	
	<i>Platyrhynchus nattereri</i> Hartert e Hellmayr, 1902	<i>Platyrhynchus platyrhynchus nattereri</i>	
	<i>Tachyphonus nattereri</i> Pelzeln, 1870	o mesmo	
	<i>Phaethornis nattereri</i> Berlepsch, 1887	o mesmo	
	<i>Pteroglossus nattereri</i> Gould, 1835	<i>Selenidera nattereri</i>	
	<i>Momotus nattereri</i> Sharpe, 1878	<i>M. momota pilcomayensis</i>	
	<i>Euscarthmus nattereri</i> Hellmayr, 1903	sin.jun. <i>Todirostrum latirostre ochropterum</i>	
	<i>Ampelis nattererii</i> Boissoneau, 1840	<i>Cotinga nattererii</i>	
	Mamíferos	<i>Gallaria nattereri</i> Pinto, 1937	<i>Hylopezus nattereri</i>
<i>Tinamus solitarius nattereri</i> Ribeiro, 1938		sin.jun. <i>Tinamus s. solitarius</i>	
<i>Mallodelphis lanigera nattereri</i> Matschie, 1917		sin.jun. <i>Caluromys lanatus</i>	
<i>Myotis nattereri</i> * Kuhl, 1817		o mesmo	
<i>Mus nattereri</i> * Cretzchmar, 1826		sin.jun. <i>Mus musculus</i>	
<i>Ctenomys nattereri</i> Wagner, 1848		o mesmo	
Répteis		<i>Eumeces nattereri</i> Steindachner, 1870	sin.jun. <i>Mabuya f. frenata</i>
		<i>Coluber nattereri</i> Mikan, 1828	<i>Thamnodynastes strigilis</i>
		<i>Heterodon nattereri</i> Steindachner, 1867	<i>Lystrophis nattereri</i>
		<i>Thamnodynastes nattereri</i> Boulenger, 1885	sin.jun. <i>T. strigilis</i>
	<i>Micrurus surinamensis nattereri</i> Schmidt, 1952	o mesmo	
	<i>Philodryas nattereri</i> Wagler, 1830	o mesmo	
Peixes	<i>Serrasalmus nattereri</i> Kner, 1860		
	<i>Brycon nattereri</i> Günther, 1864		
	<i>Sternachogiton nattereri</i> Steindachner, 1868		
	<i>Leporellus nattereri</i> Steindachner, 1876		
	<i>Anchoviella nattereri</i> Steindachner, 1879		
Insetos	<i>Aphyocarax nattereri</i> Steindachner, 1882		
	<i>Basilia nattereri</i> Kolenati		
Diplópodos	<i>Spirobolus nattereri</i> Humbert e Saussure, 1870	<i>Rhinocricus nattereri</i>	
	<i>Polydesmus nattereri</i> Humbert e Saussure, 1870	<i>Leptodesmus nattereri</i>	

Johann Natterer: traços biográficos

Johann Natterer nasceu em 9 de novembro de 1787 em Laxenburg (ou Lachsenburg), pequena cidade a cerca de 6 quilômetros ao sul de Viena, Áustria. Era filho do falcoeiro imperial Joseph Natterer (1754-1823), cujas habilidades voltavam-se também ao colecionamento de aves e insetos. Tendo montado expressivo acervo de História Natural, recebera elogios do imperador austríaco Francisco II que, em 1793 comprou-lhe o dito material, incorporando-lhe aos "salões do imperial gabinete zoológico" (Ihering 1902, Rokitski 1957). Essa magnífica coleção, mais o acervo de Botânica, formavam juntos o *Physikalische-Kunst und Tierkabinett* e eram propriedade privada e uma espécie de *hobby* do imperador (Ramirez 1968).

Foi com essa influência que Johann, ora estudando química, anatomia e história natural nos institutos de ensino superior vienenses, ora colaborando com o trabalho do pai, aprendia a arte da taxidermia e, por conta própria, desenvolvia seus dotes de desenho e linguística. Todo esse potencial intelectual e artístico, somado à experiência que adquirira nas extensas excursões científicas para a Hungria, a Dalmácia e a Itália, haviam feito de Natterer um notável e respeitado perito em sua especialidade. Não à toa foi nomeado, em 1816, para o cargo de assistente da Coleção Zoológica Imperial, função que lhe expôs à comunidade científica e política local, facilitando o convite para integrar a missão austríaca de naturalistas ao Brasil, da qual foi considerado o mais notável sábio dentre todos os outros participantes (Ramirez 1968).

O seu pai Joseph foi, por certo, um excelente mestre. Não podemos deixar de lembrar os inúmeros elogios, não apenas às anotações que o filho Johann esboçaria em seus inúmeros diários de campo da

expedição ao Brasil, mas também ao primor com que preparava os espécimes e as criteriosas anotações em cada rótulo, característica incomum para aquela época.

E destacou-se também pelo encontro e captura de raridades, nunca antes vistas ou pouquissimamente estudadas. Não por que as aves que Johann obteve fossem apenas espécies de aves incomuns, mas pelo fato de que o naturalista primava por ser o mais completo possível. Isso fez com que coligisse espécies já naquele tempo raras, nas horas e nos locais certos. Nenhum outro viajante conseguiu o que ele, praticamente sozinho o fez.

Sofrendo obstáculos terríveis, desde saques, doenças a ataques de revoltosos, superou todos com a abnegação que lhe foi característica. Seus 18 anos no Brasil renderam-lhe experiências nunca vividas por ninguém que seguisse sendas afins.

Embora tivesse ordens expressas do imperador austríaco para retornar muito antes do previsto, preferiu arriscar seu cargo e prestígio político para terminar seu trabalho com máximo de proveito.

Casou-se em Barcelos, no Rio Negro, com a brasileira Maria do Rego, tendo com ela três filhos. Sua esposa, mais duas crianças, morreram pouco tempo depois da ida à Europa, em consequência da mudança do clima. Ficou unicamente a filha mais velha de nome Gertrudes (muitas vezes lembrada nos seus diários, segundo Ramirez 1968), nascida perto da foz do Rio Negro, a qual casou-se com Julius Schröckinger Ritter von Neuenberg (Ihering 1902).

Em 9 de novembro de 1835 chegou a Londres, ali permanecendo por todo o inverno para recuperar sua saúde profundamente debilitada pelas doenças que contraíra. Apenas em agosto desse ano é que voltou a Viena, após o

recebimento da última remessa do material em Frankfurt (Ramirez 1968).

Entre 1838 e 1840 ainda teve ânimo para realizar viagens ao norte da Alemanha, Dinamarca, Suécia e Rússia, assim como pelo sul da Alemanha, França, Inglaterra e Holanda. Ele pretendia fazer uma obra crítica sobre a Ornitologia mundial, mas uma congestão pulmonar terminou por matá-lo em 17 de junho de 1843 (Nomura 1997).

É possível concluir, parafraseando Reed Noss (1996), ser de bom grado que lembremos de pessoas abnegadas à

observação e ao estudo de campo, colhendo os devidos materiais documentais, imprescindíveis à Biologia. E especialmente nos dias de hoje, quando a História Natural encontra-se por alguns relegada ao pejorativo epíteto de "alfa-ecologia", sufocada pelas ciências de gabinete, mais recentemente agregadas em uma "keyboard ecology". Fica aqui, desta forma, nosso tributo a Natterer e se, no futuro, depender de seu exemplo e da correta interpretação de seu legado magnífico, passamos a contestar Noss: *the naturalists are not dying off...*

Agradecimentos: Carlos Yamashita, José Fernando Pacheco, Luís Fábio Silveira, Hitoshi Nomura, Paulo E. Vanzolini, Renato S. Bérnils, Amazonas Chagas-Junior, Pedro Scherer-Neto, Marcos R. Bornschein, Edwin O. Willis, Wolmar B. Wosiacki, Júlio C. de Moura-Leite, Sérgio A. A. Morato, Michel Miretzki e Alberto Urben-Filho, bem como Helmut Sick e Peter W. Westcott (*in memoriam*), teceram

comentários nesta e/ou outras versões de meus estudos sobre Natterer. Dante M. Teixeira, além de introduzir-me no campo da História da Zoologia, cedeu várias obras raras para consulta. Graça Overall (Museu Emílio Goeldi) permitiu a reprodução do retrato de Natterer, obtido a partir da biografia escrita por Goeldi (1896).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E SUGESTÕES PARA CONSULTA

- Bertels, D.E.; Komissarov, B.N. e Lichenko, T.I. (1988) **A expedição científica de G.I.Langsdorff ao Brasil: 1821-1829**. Brasília: Fundação Pró-Memória. 230 pp.
- Bokermann, W.C.A. (1957) Atualização do itinerário da viagem do Príncipe de Wied ao Brasil (1815-1817). **Arq.Zool.São Paulo** 10:209-251.
- Boulenger, G.A. (1896) **Catalogue of snakes in the British Museum (Natural History): Colubridae (Opisthoglyphae and Proteroglyphae), Amblycephalidae, and Viperidae**. Londres: British Museum, 3: 382 pp.
- Cabrera, A. (1960) **Catálogo de los mamíferos de America del Sur**. Buenos Aires: Coni. 2 vols.
- Fitzinger, L.J.F.J. (1837) Vorläufiger Bericht ueber eine hoechst interessante Entdeckung Dr. Natterer's in Brasil. **Isis von Oken** 379-380. [referência obtida de Vanzolini (1996)].
- Goeldi, E.A. (1896) Johannes von Natterer. Biographia. **Bol. Mus.Goeldi** 1(3):189-217.
- Heckel, J. (1840) Johann Natterer's neue Flussfisch Brasiliens nach den Beobachtungen und Mittheilungen des Entdeckers (Erste Abteilung, die Labroiden). **Ann.Wien. Mus. Naturg.** 2:327-470. [referência obtida de Vanzolini (1996)].
- Hershkovitz, P. (1987) A history of recent Mammalogy of the Neotropical Region from 1492 to 1850. In: B.D.Patterson e R.M.Timm eds. **Studies in Neotropical Mammalogy: essays in honor of Philip Hershkovitz. Fieldiana: Zool.**, new series 39:11-98.
- Ihering, H.von. (1902b). Natterer e Langsdorff: exploradores antigos do Estado de São Paulo. **Rev.Mus.Paulista** 5:13-34.
- Lisboa, K.M. (1997) **A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)**. São Paulo: Hucitec. 222pp.
- Lorenz, K.M. e Peixoto, M.I.H. (1980) Os itinerários de seis grandes expedições científicas realizadas no Brasil. **Ciênc.Cult.**32(11):1518-1525.

- Mello-Leitão, C.de. (1937) **A Biologia no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 331 pp.
- Mello-Leitão, C. de. (1941) **História das expedições científicas no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 360 pp.
- Natterer, J. (1837) *Lepidosiren paradoxa*, eine neue Gattung aus der Familie der fischeähnlichen Reptilien. **Annal.Naturhistor. Mus.** 2:165-170 [referência obtida em Vanzolini, 1996].
- Natterer, J. (1840) Beitrag zur näheren Kenntniss der südamerikanischen Alligatoren nach gemeinschaftliche Untersuchungen mit L.J.Fitzinger. **Annal.Naturhistor.Mus.** 2:313-324 [referência obtida em Vanzolini, 1996].
- Neiva, A. (1929) **Esboço histórico sobre a Botânica e Zoologia no Brasil**: de Gabriel Soares de Souza, 1587, a 7 de setembro de 1922. São Paulo: Sociedade Imprensa Paulista. 143 pp. (Reimpressa pela Universidade de Brasília em 1989).
- Noss, R.F. (1996) The naturalists are dying off. **Conserv.Biol.** 10(1):1-3 [editorial].
- Nomura, H. (1997) **Vultos da Zoologia brasileira**, 2ªed., Vol.I (Volumes I-V reunidos em dois volumes). Mossoró: Fundação Vingt-Un Rosado. Coleção Mossoroense, Série C, vol. 931, p.23-25.
- Nomura, H. (1998) História da Zoologia no Brasil: Século XVIII. **Publ. Avuls. Mus. Bocage**: Museu Nacional de História Natural, 2ª série, 4, 315 pp.
- Papavero, N. (1971-1973) **Essays on the history of Neotropical Dipterology, with special reference to collectors (1750-1905)**. Vol.1 (1971):vii+p.1-216; vol.2 (1973):iii+ p.217-446. São Paulo: Museu de Zoologia, USP.
- Paynter-Jr., R. e Traylor-Jr., M. (1991) **Ornithological Gazetteer of Brazil**. Cambridge: Museum of Comparative Zoology. 2 vols. 788 pp.
- Pelzeln, A.von. (1868-1870). **Zur Ornithologie brasiliens**: Resultate von Johann Natterers reisen in den Jahren 1817 bis 1835. Viena: A.Pichler's Witwe & Sohn. 1868:p.1-68+i-xxxi; 1869:p.69-188+xxxiii-xliii; 1870:p.189-462.
- Pelzeln, A. von. (1871) **Zur Ornithologie brasiliens**: Resultate von Johann Natterers reisen in den Jahren 1817 bis 1835. Viena: A.Pichler's Witwe & Sohn. 462 pp + xx (Itinerarium, von Natterer's Reisen in Brasilien von 1817-1835
- Pelzeln, A. von. (1883) **Brasilische Säugethiere**: Resultate von Johann Natterer reisen in den Jahren 1817 bis 1835. Viena: A.Holzhausen. 140 pp.
- Pelzeln, A.von. (1883) Brasilische Säugethiere: Resultate von Johann Natterer reisen in den Jahren 1817 bis 1835. **Verh.Zool.Bot.Ges.Wien** 33 (supl.):1-136.
- Peters, J.A. e Orejas-Miranda, B. (1970) Catalogue of the Neotropical Squamata. Part I. Snakes. **United States National Museum Bulletin** 297(1):1-347.
- Peters, J.A. e Donoso-Barros, R.(1970) Catalogue of the Neotropical Squamata. Part II. Lizards and Amphisbaenians. **United States National Museum Bulletin** 297(2):1-293.
- Pinto, O.M. de O. (1938) Catalogo das aves do Brasil e lista dos exemplares que as representam no Museu Paulista: 1ª parte, Aves não Passeriformes e Passeriformes não Oscines excluída a Fam.Tyrannidae e seguintes. **Rev. Mus. Paulista** 22:1-566.
- Pinto, O.M. de O. (1944) **Catalogo das Aves do Brasil** e lista dos exemplares na coleção do Departamento de Zoologia: 2ª parte, Ordem Passeriformes (continuação): Superfamília Tyrannoidea e Subordem Passeres. São Paulo: Departamento de Zoologia. 700 pp
- Pinto, O.M. de O. (1979) **A Ornithologia no Brasil através das idades**: (Século XVI a Século XIX). São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais. Série Brasiliensia Documenta, vol. 13. 117 pp.
- Ramirez, E.S. (1968). **As relações entre a Áustria e o Brasil (1815-1889)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional. Brasileira, vol. 337. 260 pp.
- Rego, A.A. (1982). Expedições e coletas helmintológicas no Brasil. **Ciênc.Cult.** 34(4):507-510.
- Rokitansky, G. (1957). Johann Natterer, Erster Ornithologe Oesterreichs. **Journ.Ornith.** 98(2):133-144.
- Scherer-Neto, P. & Straube, F.C. (1995). **Aves do Paraná**: história, lista anotada e bibliografia. Campo Largo: Logos Press, 79 pp.
- Schiffer, H. (1983). Johann Natterer und seine ornithologischen Entdeckungen in Brasilien, 1817-1835. In: **Amerika** - zur Entdeckung - Kulturpflanzen - lebensraum Regenwald,

- Kat. O.Ö. Landemus. (NF) 61, pp.155-178. [referência obtida de Vanzolini (1996)].
- Sick, H. (1983). Die Bedeutung von Johann Baptist von Spix für die Erforschung der Vogelwelt brasiliens. *In*: E.J.Fittkau ed. Festschrift zu Ehren von Johann Baptist Ritter von Spix. **Spixiana**, supl.9:29-31.
- Sick, H. (1997). **Ornitologia brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Edição revista e ampliada por J.F.Pacheco. 862 pp.
- Straube, F.C. (1990). Revisão do itinerário da Expedição Natterer ao Estado do Paraná (Brasil). **17º Congr.Bras. Zool.**, Resumos, p.160.
- Straube, F.C. (1990). Johann Natterer (1787-1844). **Bol. Soc.Bras.Ornit.**16:[2-4].
- Straube, F.C. (1993). Revisão do itinerário da Expedição Natterer ao Estado do Paraná (Brasil). **Acta Biol. Leopold.**15(1):5-20.
- Stresemann, E. (1951). **Die Entwicklung der Ornithologie von Aristoteles bis zur Gegenwart**. Berlin: F.W.Peters. 431 pp.
- Theodoro, J. (1996). Visões e descrições da América: Alvar Nunez Cabeça de Vaca (XVI) e Hercules Florence (XIX). **Rev.USP** 30:76-81.
- Traylor-Jr.,M. ed. (1979). **Check-list of birds of the world: a continuation of the work of James L.Peters**. Cambridge: Museum of Comparative Zoology, vol.8, 111 pp..
- Vanzolini, P.E. (1981). The scientific and political contexts of the Bavarian Expedition to Brazil. Introduction. *In*: K.Adler ed. **Herpetology of Brazil by J.B.von Spix and J.C.Wagler**. Society of Study of Amphibians and Reptiles, p.ix-xxix, ed.fac-similar.
- Vanzolini, P.E. (1992). **A supplement to the Ornithological Gazetteer of Brazil**. São Paulo: Museu de Zoologia. 251 pp.
- Vanzolini, P.E. (1993). As viagens de Johann Natterer no Brasil, 1817-1835. **Pap.Avuls. Zool.** 38(3):17-60.
- Vanzolini, P.E. (1996). A contribuição zoológica dos primeiros naturalistas viajantes no Brasil. **Rev.USP** 30:190-238.
- Wagner, J.A. (1842). Diagnosen neuer Arten brasilischer Säugethiere. **Arch. Naturgesch.** 8(1):356-362.
- Wagner, J.A. (1843). Diagnosen neuer Arten brasilischer Handflugler. **Arch. Naturgesch.** 9(1):365-368.
- Wagner, J.A. (1847-1848). **Beiträge zur Kenntniss der Säugethiere America's**. Abhandlungen der Mathem.-physikalischen Classe der Königlich Bayerischen Akademie der Wissenschaften (München), 5: Erste Abt. [Marsupialia, Chiroptera], 119-208 (1847); Zweiten Abt. [Rodentia], 269-332 (1847); Dritte Abt. Viere Ordnung Affen, 405-480 (1848).
- Wilson, D.E. e Reeder, D.M. (eds.). (1993). **Mammal species of the world: a taxonomic and geographic reference**. 2º ed. Washington: Smithsonian Institution Press. 1207 pp.

NOTA: Há um volumoso material bibliográfico sobre as expedições oitocentistas ao Brasil. O presente apanhado é apenas um ponto de partida para os interessados.